

LIÇÃO 6 - Contraditórios Não Podem Ser Verdadeiros ao Mesmo Tempo

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 1062b 20-1063b 35

“ 943. Agora, esta dificuldade pode ser resolvida considerando a origem desta visão.

944. Pois parece ter surgido em alguns casos da opinião dos filósofos da natureza, e em outros do fato de que nem todos os homens apreendem a mesma coisa da mesma maneira, mas algo parece agradável a alguns e o oposto a outros (352).

945. Pois a visão de que nada vem do não-ser, mas tudo vem do ser, é uma doutrina comum a quase todos aqueles que trataram da natureza. Assim, já que o não-branco vem do que é atualmente branco, e não do não-branco, se o não-branco tivesse vindo a ser, o que se torna não-branco teria vindo a ser a partir do que não é não-branco. Portanto, a brancura deve vir do não-ser segundo eles, a menos que o branco e o não-branco sejam o mesmo. Mas não é difícil resolver esta dificuldade; pois afirmamos em nossos tratados físicos em que sentido as coisas que vêm a ser vêm do não-ser, e em que sentido vêm do ser (355-356).

946. Mas também é tolo ocupar-se igualmente com ambas as opiniões e com as declarações fantasiosas daqueles que argumentam contra si mesmos, porque é evidente que uma ou outra delas deve estar errada. Isso fica claro pelos fatos da percepção sensorial; pois a mesma coisa nunca parece doce a alguns e o oposto a outros, a menos que, em alguns, o órgão do sentido que distingue os sabores mencionados tenha sido prejudicado ou lesionado. E sendo esse o caso, alguns devem ser tomados como a medida e os outros não. E digo que o mesmo se aplica no caso do bem e do mal, do belo e do feio, e de outros atributos deste tipo. Pois sustentar esta visão não é diferente de sustentar que o que aparece para aqueles que colocam o dedo sob o olho e fazem um objeto parecer ser dois deve, portanto, ser dois porque aparece como sendo tantos, e, no entanto, deve

ser um porque para aqueles que não movem o olho, o objeto único parece ser um (369-375).

947. E, em geral, vendo que as coisas aqui estão sujeitas a mudanças e nunca permanecem as mesmas, seria inadequado basear nosso julgamento da verdade nisso. Pois, ao buscar a verdade, deve-se começar com aquelas coisas que são sempre as mesmas e nunca passam por uma única mudança. Tais coisas são aquelas que contêm o mundo; pois elas não aparecem ora como sendo de um jeito e ora de outro diferente, mas são sempre as mesmas e não admitem mudança (365).

948. Além disso, se há movimento, há também algo que é movido; e tudo é movido de algo para algo. Portanto, aquilo que é movido deve estar naquilo de onde é movido, e ainda assim não estar nele; e deve ser movido para isto e vir a estar nele; mas contraditórios não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, como eles afirmam.

949. E se as coisas aqui estão em um estado de mudança e movimento contínuos quanto à quantidade, e alguém supusesse isso mesmo que não seja verdade, por que elas não seriam permanentes quanto à qualidade? Pois a visão de que contraditórios podem ser predicados do mesmo sujeito parece basear-se em grande parte na suposição de que a quantidade dos corpos não permanece constante; e por essa razão eles dizem que a mesma coisa é e não é com quatro côvados de comprimento. Mas a substância de uma coisa envolve qualidade, e esta é de uma natureza determinada, enquanto a quantidade é de uma natureza indeterminada (365).

950. Além disso, quando um médico lhes ordena tomar um alimento específico, por que eles o tomam? Pois por que este alimento específico é pão em vez de não ser pão? Portanto, não faria diferença se eles o comessem ou não. Mas eles tomam o alimento prescrito como se conhecessem a verdade sobre ele e que é o alimento prescrito. No entanto, eles não deveriam fazer isso se não há natureza que permaneça fixa no mundo sensível, mas tudo está sempre em um estado de movimento e fluxo (349).

951. Novamente, se estamos sempre passando por mudanças e nunca permanecemos os mesmos, que admiração há se para nós, como para os que estão doentes, as coisas nunca parecem as mesmas? Pois para estes também, já que não estão na mesma condição de quando estavam saudáveis, as qualidades sensíveis não parecem ser as mesmas; contudo, as próprias coisas sensíveis não precisam, por essa razão, sofrer qualquer mudança, mas causam impressões diferentes, e não as mesmas, naqueles que estão doentes. E talvez a mesma coisa deva acontecer com aqueles que estão saudáveis se a mudança mencionada ocorrer (950). No entanto, se não mudamos, mas permanecemos sempre os mesmos, haverá algo permanente (357-359).

952. Portanto, no caso daqueles que levantam as dificuldades anteriores como resultado do raciocínio, não é fácil enfrentar seus argumentos a menos que assumam algo e não exijam uma razão para isso; pois todo argumento e demonstração ocorre dessa maneira. Pois aqueles que nada admitem destroem a discussão e o raciocínio em geral e, assim, não há raciocínio com tais homens. Mas no caso daqueles que estão perplexos com os problemas usuais, é fácil enfrentá-los e rejeitar os argumentos que causam sua dificuldade. Isso fica claro a partir do que foi dito acima (943-951).

953. É evidente a partir dessas considerações, então, que afirmações opostas não podem ser verificadas do mesmo sujeito ao mesmo tempo (353; 376-377), nem as contrárias, porque toda contrariedade envolve privação. Isso fica claro se reduzirmos as definições de todos os contrários ao seu princípio (382). Similarmente, nenhum intermediário pode ser predicado de um mesmo sujeito. Pois se o sujeito é branco, aqueles que dizem que ele não é nem branco nem preto estão errados, pois então se segue que ele é branco e não é branco; pois o segundo dos dois termos que combinamos é verdadeiro sobre ele, e este é o contraditório do branco (383-391).

954. Não se pode, portanto, estar correto ao sustentar as opiniões de Heráclito (940) ou de Anaxágoras; e, se assim não fosse, seguir-se-ia que os contrários seriam predicados do mesmo sujeito. Pois, quando Anaxágoras diz que há uma parte de tudo em tudo o mais, ele afirma que nada é doce mais do que amargo, e assim por diante com qualquer outro par de contrários, já que tudo está presente em tudo o mais, não em potência, mas em ato e separadamente.

955. E, da mesma forma, nem todas as afirmações podem ser verdadeiras ou todas falsas, tanto por causa de muitas outras dificuldades que poderiam ser levantadas com base nessa posição, quanto porque, se todas as afirmações são falsas, aquele que diz isso não falará a verdade; e, se todas são verdadeiras, não será falso dizer que todas são falsas (392).

COMENTÁRIO

2225. Tendo argumentado contra aqueles que afirmam que os contraditórios podem ser verificados do mesmo sujeito ao mesmo tempo, o Filósofo agora mostra como esses homens podem ser persuadidos a abandonar essa teoria. Sua discussão divide-se em duas partes. Na primeira (943: C 2225), ele explica sua tese. Na segunda (953: C 2243), ele extrai um corolário do que foi dito (“É evidente”).

A primeira parte divide-se em duas seções. Na primeira, ele explica como é possível, em alguns casos, lidar com a teoria mencionada. Na segunda (952: C 2241), ele indica em que casos ela pode ser refutada e em que não (“Portanto, no caso”).

Ao tratar da primeira (943), ele faz três coisas. Primeiro, descreve a maneira pela qual a teoria anterior pode ser desqualificada em alguns casos. Ele diz que a dificuldade mencionada, que levou alguns a adotar a posição de que os contraditórios podem ser verificados do mesmo sujeito ao mesmo tempo, pode ser dissipada se considerarmos sua origem.

2226. Pois parece (944).

Segundo, ele dá duas fontes dessa posição. Ele diz que essa posição parece ter surgido, em alguns casos, da opinião dos filósofos da natureza, que afirmavam que nada vem a ser a partir do não-ser, e, em outros, do fato de que nem todos os homens fazem os mesmos juízos sobre as mesmas coisas, mas algo parece agradável a uns e o oposto a outros. Pois, se alguém acreditasse que tudo o que aparece é verdadeiro, seguir-se-ia disso que opostos seriam verdadeiros ao mesmo tempo.

2227. Pois a visão (945).

Terceiro, ele mostra como a posição mencionada poderia decorrer das duas fontes dadas; e indica como pode ser tratada. Primeiro, ele mostra como poderia decorrer da opinião dos filósofos da natureza; e segundo (946: C 2227), da crença de que toda aparência é verdadeira (“Mas também é tolice”).

Ele diz, portanto, primeiro (945), que a doutrina comum a quase todos os pensadores que trataram da natureza é que nada vem a ser a partir do não-ser, mas tudo a partir do ser. É claro que algo não-branco vem a ser a partir do que é realmente branco; mas o que é não-branco não vem a ser a partir do que é não-branco. Além disso, também é evidente que o que é não-branco vem a ser a partir do que não é não-branco. Consequentemente, é evidente que aquilo que é não-não-branco torna-se não-branco, assim como o que é não-preto torna-se preto. É claro, então, que aquilo a partir do qual o não-branco vem a ser é o branco, e não é não-branco. Isso não pode ser entendido no sentido de que o não-branco é inteiramente não-ser, porque então pareceria seguir-se que algo vem a ser a partir do não-ser absoluto. Por exemplo, se disséssemos que o fogo vem do que não é fogo, haveria a questão de como eles pensam que aquilo de onde o fogo vem a ser é inteiramente não-fogo. Pois pareceria então seguir-se, segundo eles, que algo vem a ser a partir do não-ser. Assim, eles afirmavam que o fogo estava oculto naquilo de onde o fogo vem a ser, como é evidente pela opinião de Anaxágoras, apresentada no Livro I da *Física*. Da mesma forma, eles acreditavam que, se algo não-branco vem a ser a partir do que não é não-branco, o não-branco deve ter pré-existido naquilo de onde vem a ser, como foi explicado. Assim, seguir-se-ia, segundo eles, que aquilo de onde o não-branco vem a ser é ao mesmo tempo branco e não-branco, a menos que se assuma que algo vem a ser a partir do não-ser.

2228. Mas essa dificuldade não é difícil de resolver, como o Filósofo aponta; pois foi explicado no Livro I da *Física* como algo vem a ser a partir do ser e como a partir do não-ser; pois foi afirmado que algo vem a ser a partir do que é não-ser em ato, embora seja incidentalmente um ser em ato. Mas vem a ser propriamente a partir da matéria, que está em potência; pois é acidental ao processo de fazer que a matéria da qual algo vem a ser seja o sujeito da forma e da privação. Assim, não é necessário que aquilo de onde algo vem a ser seja ao mesmo tempo um ser e um não-ser em ato, mas que seja em si mesmo em potência tanto para o ser quanto para o não-ser, ou seja, tanto para a forma quanto para a privação.

2229. Mas também é tolice (946).

Em seguida, ele rejeita a opinião anterior na medida em que poderia ser derivada da outra fonte, ou seja, da visão de que toda aparência é julgada verdadeira. Primeiro, ele rejeita essa fonte; e segundo (947: C 2232), sua causa ("E em geral").

Ele diz, portanto, primeiro (946), que, assim como é tolice pensar que os contraditórios podem ser verificados do mesmo sujeito ao mesmo tempo, também "é tolice ocupar-se com", ou seja, aceitar, ambas as opiniões anteriores dos filósofos que argumentam contra si mesmos; pois é óbvio que um ou outro deles deve estar em erro.

2230. Isto é evidente pelos fatos da percepção sensorial; pois a mesma coisa nunca parece doce para uns e amarga para outros, a menos que, em alguns, o órgão sensorial e a faculdade que discrimina os sabores tenha sido danificada ou lesionada. Mas, como isso acontece em alguns casos, "alguns devem ser tomados como medida", ou seja, o julgamento daqueles cujos sentidos não estão prejudicados dessa maneira deve ser tomado como regra e medida da verdade. Mas isso não deve ser entendido como aplicável àqueles cujos sentidos estão prejudicados.

2231. E o que é evidente no caso da percepção sensorial também deve ser dito que se aplica no caso do bem e do mal, do belo e do feio, e de todos os atributos desse tipo que são apreendidos pelo intelecto. Pois, se alguns concebem uma coisa como boa e outros como má, o julgamento daqueles cujo intelecto não foi prejudicado por algum mau hábito, ou por alguma má influência, ou por alguma outra causa desse tipo, deve ser a norma. Pois, se alguém sustentasse que não é menos adequado acreditar em um grupo do que no outro, isso não diferiria em nada de dizer que as coisas são como parecem "àqueles que pressionam o dedo sob o olho", ou seja, que movem o olho com o dedo, e assim fazem com que uma coisa pareça duas, e dizem que deve ser duas porque parece ser tantas, e novamente que deve ser uma porque parece ser uma para aqueles que não movem o olho com o dedo. Pois é óbvio que devemos basear nosso julgamento sobre a unidade das coisas no julgamento que o olho faz quando não recebe alguma impressão estranha, e não no julgamento que ele faz quando recebe tal impressão. Ora, um homem julga um objeto visível como sendo dois porque a forma do objeto visível é feita para aparecer como dois para o órgão da visão quando este é movido; e essa dupla impressão chega ao órgão do sentido comum como se houvesse dois objetos visíveis.

2232. E, em geral (947).

Em seguida, ele rejeita a base da posição de que toda aparência é verdadeira. Pois alguns sustentavam isso porque pensavam que todas as coisas estão em um fluxo contínuo, e que não há nada fixo e determinado na realidade; e assim se seguiria que uma coisa é tal somente quando é vista.

2233. Ele apresenta, portanto, cinco argumentos contra essa posição. Ele diz, primeiro, que é totalmente inadequado basear nosso julgamento sobre toda a verdade no fato de que essas coisas sensíveis que estão próximas ou perto de nós estão sofrendo mudança e nunca são permanentes. Mas a verdade deve ser baseada antes naquelas coisas que são sempre as mesmas e nunca sofrem qualquer mudança quanto à sua substância, embora pareçam estar sujeitas ao movimento

local. Pois tais coisas são aquelas "que contêm o mundo", ou seja, os corpos celestes, aos quais esses corpos corruptíveis são comparados como coisas que não têm quantidade, como os matemáticos provam. Ora, os corpos celestes são sempre os mesmos e não aparecem ora como tais e ora como diferentes, pois não admitem nenhuma mudança que afete sua substância.

2234. Além disso, se há (948).

Em seguida, ele dá o segundo argumento contra essa posição. O argumento é o seguinte: se há movimento nestes corpos inferiores, deve haver algo que é movido, e também deve ser movido de algo para algo. Portanto, aquilo que é movido já deve estar naquilo de onde é movido e, no entanto, não estar nele, e deve ser movido para outra coisa e estar continuamente vindo a ser nela. Assim, alguma afirmação definida, bem como alguma negação, deve ser verdadeira. E não será necessário que uma contradição seja verdadeira sobre o mesmo sujeito, porque, de acordo com isso, nada seria movido. Pois, se a mesma coisa pudesse estar no extremo para o qual é movida e não estar nele, não haveria razão para que uma coisa que ainda não atingiu um extremo fosse movida para lá, porque já estaria lá.

2235. E se as coisas (949).

Ele dá o terceiro argumento; e, para tornar isso claro, deve-se ter em mente que, quando Heráclito viu que uma coisa aumentava de tamanho de acordo com alguma quantidade definida e muito pequena ao longo de um longo período de tempo (por exemplo, um ano), ele pensou que algum acréscimo seria feito em qualquer parte desse tempo, e que seria imperceptível devido à quantidade muito pequena envolvida. E por causa disso, ele foi levado a acreditar que todas as coisas, mesmo aquelas que parecem estar estáticas, também estão sendo continuamente movidas por um movimento imperceptível, e que após um longo tempo seu movimento se tornaria aparente aos sentidos. Mas sua opinião sobre o aumento é falsa; pois o aumento não ocorre continuamente de tal maneira que algo cresça em qualquer parte do tempo, mas um corpo está disposto a aumentar durante algum tempo e então cresce, como Aristóteles deixa bastante claro no Livro VIII da *Física*.

2236. Portanto, ele diz que, se os corpos ao nosso redor aqui estão em um estado contínuo de fluxo e movimento quanto à quantidade, e alguém deseja admitir isso, mesmo que não seja verdade, não há razão pela qual uma coisa não possa ser imutável quanto à sua qualidade. Pois a opinião de que contraditórios são verdadeiros sobre o mesmo sujeito ao mesmo tempo parece basear-se em grande parte na suposição de que o aspecto quantitativo dos corpos não permanece constante; e assim alguns pensaram que a mesma coisa é e não é de quatro côvados de comprimento. Mas a substância de uma coisa é definida em termos de alguma qualidade, ou seja, alguma forma; e a qualidade é de uma natureza determinada nas coisas, embora a quantidade seja de uma natureza indeterminada devido à mudança, como foi apontado.

2237. Além disso, quando um médico (950).

Em seguida, ele dá o quarto argumento, que é o seguinte: se não há nada fixo no mundo quanto ao ser ou ao não ser, por que eles tomam este tipo de pão que o médico prescreve e não aquele? Pois, de acordo com a posição dada acima, por que este pão é, em vez de não-pão? Ele implica que

a resposta não pode ser afirmativa mais do que negativa. E assim não faria diferença se alguém comesse o pão ou não. Mas vemos que eles tomam o pão que o médico prescreve, implicando que formam um julgamento verdadeiro sobre o próprio pão, e que este tipo de pão é realmente aquele que o médico prescreve. No entanto, isso não seria o caso se nenhuma natureza permanecesse fixa no mundo sensível, mas todas as coisas estão sempre em um estado de movimento e fluxo.

2238. Novamente, se nós (951).

Em seguida, ele apresenta o quinto argumento: já que a posição mencionada acima assume que não há verdade fixa nas coisas devido à contínua mudança que elas sofrem, se a verdade é idêntica à aparência, é necessário dizer que nós, homens, que fazemos julgamentos sobre outras coisas, estamos em movimento ou não.

2239. Pois, se estamos sempre sofrendo mudança e nunca permanecemos os mesmos, não é surpreendente que as coisas nunca nos pareçam as mesmas; e este é o caso com aqueles que estão doentes. Pois, uma vez que foram mudados e não estão no mesmo estado de quando estavam saudáveis, as qualidades sensíveis que percebem por meio dos sentidos não lhes parecerão as mesmas de antes de ficarem doentes. Pois, para aqueles cujo paladar foi prejudicado, coisas doces parecem amargas ou insípidas; e o mesmo é verdade para outras qualidades sensíveis. No entanto, as próprias qualidades sensíveis não são mudadas por essa razão, mas causam impressões diferentes naqueles que estão doentes porque seus sentidos estão dispostos de forma diferente. Portanto, se nós, homens, que estamos continuamente sofrendo mudança, fazemos julgamentos diferentes sobre outras coisas, isso não deve ser atribuído às coisas, mas a nós.

2240. No entanto, se não estamos mudando, mas permanecemos sempre os mesmos, haverá, portanto, algo permanente no mundo e, conseqüentemente, alguma verdade fixa sobre a qual podemos fazer juízos positivos. Pois fazemos juízos não apenas sobre outras coisas, mas também sobre a natureza humana.

2241. Portanto, no caso (952).

Em seguida, ele indica quem pode ser enganado da opinião acima e quem não pode. Ele diz que, se aqueles que adotam as opiniões anteriores o fazem não por causa de algum raciocínio, no sentido de que não assumem nada por serem obstinados e não investigam as razões das coisas que dizem, mas aderem teimosamente às opiniões que mantêm, não é fácil para eles abandonarem uma opinião desse tipo. Pois todo argumento e toda demonstração ocorrem dessa maneira, ou seja, admitindo a verdade de alguma afirmação e investigando a razão dela. Mas aqueles que nada admitem destroem a discussão e todo argumento racional; e, assim, nenhum apelo da razão pode ser dirigido a eles pelo qual possam ser desalojados de seu erro.

2242. Mas se há alguns que estão perplexos por causa de certas deficiências (por exemplo, porque não entendem bem algumas coisas), é fácil dissipar tal erro removendo as dificuldades que os confundem. Isso é evidente a partir da discussão anterior, na qual ele lida com as dificuldades que poderiam levar à opinião acima mencionada.

2243. É evidente (953).

Em seguida, ele tira três consequências do que foi dito. Primeiro, é evidente da discussão anterior que afirmações opostas não podem ser verificadas do mesmo sujeito ao mesmo tempo. Consequentemente, fica claro disso que contrários não podem ser verificados do mesmo sujeito ao mesmo tempo. E isso é verdade porque toda contrariedade envolve privação; pois um dos dois contrários é sempre uma privação. Isso se torna evidente se alguém quiser reduzir as definições de contrários ao seu primeiro princípio; pois contido na noção de preto está a privação de branco. Como uma privação, então, é um tipo de negação tendo um sujeito determinado, é evidente que, se contrários fossem verdadeiros do mesmo sujeito, tanto uma afirmação quanto uma negação teriam que ser verdadeiras do mesmo sujeito ao mesmo tempo.

2244. Ora, não é apenas impossível que dois contrários sejam verdadeiros do mesmo sujeito ao mesmo tempo, mas também é impossível que um intermediário seja predicado de um e do mesmo sujeito do qual um dos dois extremos é predicado; pois a partir do que foi dito no Livro X (880-86.C 2101-10) é evidente que um intermediário entre contrários envolve a privação de ambos os extremos, quer seja designado por uma palavra ou por muitas, ou seja inominado. Portanto, um intermediário entre branco e preto, como vermelho ou amarelo, contém em sua definição o fato de que não é nem branco nem preto. Portanto, se alguém diz que algum sujeito é vermelho quando na verdade é branco, está dizendo ao mesmo tempo que ele não é nem branco nem preto. Portanto, está em erro; pois seguir-se-ia que aquele sujeito é simultaneamente branco e não branco; porque se é verdade que aquele sujeito não é nem branco nem preto, a outra parte da proposição copulativa pode ser verificada do mesmo sujeito, e esta é a contraditória de ser branco. Assim, segue-se que, se um intermediário e um extremo são verdadeiros do mesmo sujeito, contraditórias devem ser verdadeiras do mesmo sujeito.

2245. Não se pode (954).

Ele dá a segunda consequência. Conclui que, se uma afirmação e uma negação não são verdadeiras ao mesmo tempo, nem a opinião de Heráclito nem a de Anaxágoras é verdadeira. Que isso seja assim quanto à opinião de Heráclito é evidente a partir do que foi dito. Portanto, ele mostra que o mesmo se aplica com respeito à opinião de Anaxágoras. Diz que, se a opinião de Anaxágoras não é falsa, segue-se que contrários podem ser predicados do mesmo sujeito e, portanto, que contraditórias também podem ser predicadas do mesmo sujeito. Isso é mostrado como se segue. Anaxágoras afirmava que qualquer coisa vem a ser a partir de qualquer coisa, e tudo o que vem a ser vem de algo. Portanto, não era compelido a sustentar que algo vem a ser a partir do nada, e assim afirmava que tudo está presente em tudo o mais. Assim, uma vez que ele postulava que há uma parte de tudo em tudo o mais (por exemplo, uma parte de carne no osso, e uma parte de brancura na negrura, e *vice-versa*), segue-se que o todo não é mais doce do que amargo. O mesmo vale para outras contrariedades. E isso é assim se uma parte de qualquer coisa está presente em qualquer todo não apenas potencialmente, mas atualmente e separadamente. E ele acrescentou isso porque o que vem a ser a partir de outra coisa deve pré-existir nela potencialmente e não atualmente. Portanto, contrários devem pré-existir no mesmo sujeito potencialmente e não atualmente. Isso não significa que contrários existam separadamente em algo, porque a potência para contrários é a mesma. Mas Anaxágoras não sabia como distinguir entre potência e atualidade.

2246. E da mesma forma (955).

Ele dá a terceira consequência. Conclui do que foi dito que ambas as opiniões são falsas, i.e., a opinião daqueles que diziam que todas as afirmações são verdadeiras e a opinião daqueles que diziam que todas são falsas. Isso é evidente por causa das muitas conclusões difíceis e sérias que resultam dessas opiniões, que foram reunidas aqui e acima no Livro IV (332402:C 611-748); e especialmente "porque se todas as afirmações são falsas", aquele que diz que toda afirmação é falsa faz uma afirmação e, portanto, não diz a verdade. E da mesma forma, se todas as afirmações são verdadeiras, aquele que diz que todas são falsas não dirá o que é falso, mas dirá a verdade. E por esta razão, a posição daquele que afirma que todas as afirmações são verdadeiras é destruída.

Revision #2

Created 19 September 2026 00:25:28 by Admin

Updated 19 September 2026 00:34:14 by Admin